

Nota especial

Conflito EUA-Israel contra o Irão

Situação nos Mercados

Insights • Portugal

02 de março de 2026

Principais mensagens

Na sequência da operação conjunta dos EUA e Israel contra o Irão e dos recentes acontecimentos no Médio-Oriente, quais os impactos?

Petróleo

O Irão produz 3,4 milhões de barris por dia (Mbpd); os EUA 13,6 e a Arábia Saudita 10, esta última com capacidade produtiva próxima dos 13,3 Mbpd. Assim, o Irão é um produtor relevante, mas a sua ausência do mercado poderia ser compensada por outros países.

Inicialmente, o fator que pressiona a subida do preço do petróleo, até aos 80 dólares, é o encerramento do Estreito de Ormuz, por onde transitam entre 20 e 21 Mbpd, representando entre 20% e 25% do consumo mundial, maioritariamente com destino à China, Índia, Japão e Coreia do Sul. No Estreito de Ormuz, circula também 20% do gás natural liquefeito global (GNL), em grande parte proveniente do Qatar, bem como alimentos, fertilizantes e contentores (Jebel Ali, no Dubai, é um dos 10 maiores portos do mundo).

O Irão não necessita de uma grande frota para bloquear o Estreito de Ormuz; bastam minas submarinas, drones e mísseis antinavio lançados a partir de camiões camuflados numa costa acidentada. Bastaria atacar um navio civil para que as seguradoras cancelassem as apólices (War Risk Insurance) e as companhias marítimas deixassem de operar na rota. As notícias indicam que o Estreito de Ormuz está temporariamente encerrado desde a madrugada de domingo, 1 de março. O Irão também deixará de exportar por esta rota, mas o impacto poderá ser de tudo ou nada para o regime iraniano.

Economia

É ainda prematuro fazer uma avaliação económica da situação. O catalisador inicial é o preço da energia (petróleo e gás), que depende da duração do conflito. O ponto de partida é favorável, dado que, na maioria das economias relevantes, o crescimento económico previsto é ligeiramente superior ao potencial (EUA: PIB 2026 de +2,4%; Zona Euro: +1,3%, segundo a BBVA AM&GW).

Se os preços energéticos elevados e as quedas nos mercados financeiros se prolongarem várias semanas - afetando a confiança de empresas e famílias e o efeito riqueza, o mais provável é que se verifique algum impacto económico negativo a nível global.

Mercados

A reação inicial foi limitada pela procura de ativos de refúgio, a subida do dólar e a estabilidade (em vez de valorização) na dívida soberana, devido ao impacto inflacionista da subida do petróleo e do gás. O ouro atingiu os 5.400 dólares/onça e as bolsas registaram quedas entre 2% e 3%.

A situação dos mercados até ao fim de semana passado era positiva, com um bom início de ano na Europa e nos Mercados Emergentes. É possível que os EUA, que começaram o ano em terreno ligeiramente negativo, estivessem a refletir uma valorização acima do resto do mercado e uma rotação setorial da tecnologia para setores mais defensivos. O crescimento esperado dos resultados das empresas para este ano, na ordem dos 10% em geral, constitui o principal suporte para o desempenho esperado dos mercados e deveria continuar a tê-lo, salvo alguma alteração significativa do enquadramento económico ou a colocar em causa os resultados das empresas.

Riscos

Se o conflito se prolongar e surgirem disrupções no fornecimento internacional de energia, o impacto far-se-á sentir nos mercados financeiros, nos índices de confiança de consumidores e das empresas e, por fim, na economia global.

Parece ser menos provável uma escalada mais global do conflito, por duas razões: as grandes potências, como a China e a Rússia não parecem dispostas a intervir, e parte dos atores regionais (maioritariamente sunitas) não estavam particularmente alinhados com o regime xiita iraniano.

Conclusão

Para já, os mercados parecem estar a assumir um conflito de curta duração. No entanto, até existir uma maior visibilidade sobre os acontecimentos, é prudente manter a calma e evitar reações excessivas através de movimentos agressivos de compra ou de venda de ativos.

As carteiras de alocação de ativos, especialmente as mais conservadoras, deverão beneficiar da diversificação de ativos, podendo a dívida pública atuar como contrapeso às posições em ações.

Para obter mais informação, consulte o seu Gestor ou acesse a www.bbvaassetmanagement.pt.

Aviso Legal

Este documento foi preparado pela unidade de BBVA Asset Management em Portugal para clientes ou potenciais clientes do Grupo Banco Bilbao Vizcaya Argentaria S.A. em Portugal (BBVA) e é disponibilizado com fins meramente informativos, tendo por referência a data da sua publicação, podendo, por isso, tais informações sofrer alterações como consequência da flutuação dos mercados. O presente documento não constitui uma proposta, oferta, convite, conselho ou qualquer tipo de sugestão destinada à subscrição, aquisição de instrumentos financeiros ou à celebração de qualquer tipo de operação relativa a produtos ou serviços financeiros, nem o seu conteúdo constituirá a base de qualquer contrato, acordo ou compromisso. O conteúdo desta comunicação baseia-se em informações disponíveis e disponibilizadas ao público em geral, consideradas fidedignas. Como tal, esta informação não foi independentemente verificada pelo BBVA e por isso nenhuma garantia, expressa ou implícita, poderá ser dada sobre a sua fiabilidade, integridade ou correcção. A unidade de BBVA Asset Management em Portugal reserva-se o direito de atualizar, modificar ou eliminar a informação contida na presente comunicação sem aviso prévio. Em face do exposto, a unidade de BBVA Asset Management em Portugal não poderá em caso algum ser responsabilizada por decisões de investimento ou de operações sobre instrumentos financeiros que os leitores tomem com base no mesmo. A BBVA Asset Management é a unidade do Grupo BBVA que agrega as suas entidades gestoras de organismos de investimento coletivo, de fundos de pensões e a atividade de gestão discricionária.